

WILLIAM COBBETT

Filmando Josué Montelo

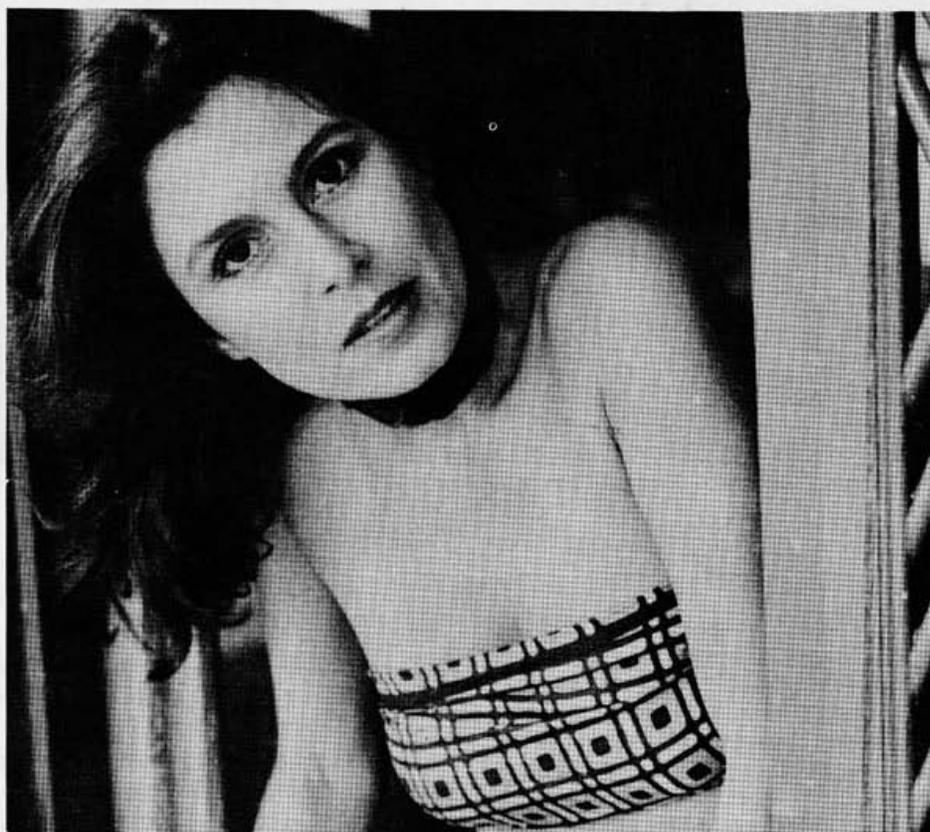
A. S.



William Cobbett, ao centro, na filmagem de "Uma Tarde, Outra Tarde"

Produtor-cineasta de larga folha de serviços prestados ao cinema brasileiro, William Cobett realizou seu segundo longa-metragem, **Uma Tarde, Outra Tarde** (segundo a novela homônima de Josué Montelo), empregando uma grande variedade de recursos inexplicavelmente ignorados na maioria dos filmes nacionais e repetindo a assertiva de que a "todo conteúdo corresponde a sua forma determinada".

Reiterando sua linha evolutiva a partir das concepções literárias de Montelo, o potiguar Cobett filmará proximamente outro livro do escritor, **O Monstro de Santa Teresa**. Nessa entrevista a **FILME CULTURA**, defende a existência de bons roteiristas no cinema brasileiro, reclama a diversificação temática como imprescindível a todo cineasta, prega uma busca maior do livro pelo filme e amargura as incompreensões relacionadas a **Uma Tarde, Outra Tarde**. **FC**



Myriam Skowronski no segundo longa-metragem de William Cobett

FILME CULTURA — Por que a escolha de uma obra literária para o seu segundo longa-metragem? É falta de bons argumentistas no cinema brasileiro?

WILLIAM COBETT — Não é bem isso. Sendo o cinema uma arte de massa, pode ajudar a popularizar ainda mais certas obras literárias de expressão. Por exemplo: o escritor de **Uma Tarde, Outra Tarde**, Josué Montelo, ficou feliz em ver a novela filmada não apenas porque seu universo foi transposto a outra linguagem,

mas também porque isso criou uma nova dimensão para ele, que viu seus personagens materializados em carne-e-osso, vivendo (numa aparência de realidade) a história narrada no livro. Quanto à falta de bons argumentistas, penso de modo contrário. Aí estão os expressivos Armando Costa, Eduardo Coutinho e Miguel Borges para comprová-lo.

FC — Seu primeiro longa, **Jesuíno Brilhante, o Cangaceiro**, era um filme violento, de jagunços, coronéis e cabras duelando no sertão.

“... em ‘Uma Tarde, Outra Tarde’ fiz propositalmente o ritmo do filme corresponder ao ritmo do livro”.



Myriam Skowronski e Sergio Hingst em “Uma Tarde, Outra Tarde”

Por que essa mudança para o asfalto e uma temática de amor suave?

W — Qualquer pessoa que se proponha a dirigir cinema não pode se ater exclusivamente a uma determinada linha: precisa diversificar a temática. Isso porque fazer cinema é um aprendizado existencial. Evidentemente, o tema do sertão me toca mais de perto. Contudo, a solidão humana na cidade grande também é um assunto atraente. Sobretudo o problema do amor, que é eterno (com perdão do clichê).

Dessa forma, achei necessário romper o exclusivismo. No primeiro e segundo filmes de qualquer cineasta, o estilo ainda não se define. Na fita seguinte (a terceira), porém, ele pode compensar as duas primeiras obras e desenvolver melhor a linguagem, extraindo certas conclusões sobre qual o estilo que melhor se adapta à sua temática preferida. O resultado pode não ser genial, mas pelo menos o autor fica em paz consigo mesmo.

Este é o caso de **Uma Tarde, Outra Tarde**, cujo tema me agrada, assim como a forma com que Josué Montelo desenvolve os personagens e mostra as reações destes diante da vida.

UM CLASSICO

FC — Por falar em Josué, como vê esse escritor no panorama artístico brasileiro?

W — Segundo Manoel Bandeira, ele é um dos clássicos da literatura nacional — um escritor de grande talento e enorme criatividade.

FC — Ainda nesse campo: nossa literatura tem fornecido ao cinema bons argumentos?

W — É óbvio. Recentemente, por exemplo, Paulo Thiago adaptou **Sagarana, o Duelo**, de Guimarães Rosa; Joaquim Pedro de Andrade filmou **Guerra Conjugal**, de Dalton Trevisan; e Bruno Barreto transpôs à tela **A Estrela Sobee**, de Marques Rebelo — todas obras de inegável valor tanto na palavra quanto na imagem em movimento. Isso sem citar vários outros filmes bem sucedidos que tomaram como ponto de partida o livro. Acho inclusive que os cineastas brasileiros deveriam procurar ainda mais a literatura nacional.

FC — Quais a equipe técnica, elenco e sinópse de **Uma Tarde, Outra Tarde**?

W — Direção e roteiro de William Cobett; fotografia de Tony Rabatony (um senhor ilu-

minador; colocou a alma nesse filme. É forte candidato à “Coruja de Ouro”. Sabe usar a luz e tem consciência vertical da fotografia; argumento de Josué Montelo (baseado na novela de igual título); música (clássica) de Cesar Frank escolhida por Edino Krieger; montagem de Nelo Melli e cenografia de Olímpio Araújo (artista plástico de categoria estreando significativamente no cinema). No elenco figuram, entre outros, Miriam Skowronsky, Sérgio Hingst, Roberto Wendhausen, Henriqueta Briebe, Labanca e Atila Iório (em participação especial).

O filme narra a história de uma milionária morando numa mansão riquíssima. Sua filha única casa e vai morar na Europa, deixando-a em prostração solitária. Como não vivia bem com o marido, a mulher vê sua solidão aumentar assustadoramente. A conselho médico, vai passar temporada numa dessas praias destinadas a recuperação, e lá encontra um jovem ao qual se afeiçoa. Não é amor, mas transferência. A princípio meio maternal, ela evolui nas relações com o rapaz à medida que em casa o diálogo com o marido se torna impossível. O rapaz, à semelhança de sua filha, também é filho único, semi-abandonado pelo pai, um rico advogado que lhe dá uma bolsa de



"Uma Tarde, Outra Tarde": Myriam Skowronski e Roberto Wendhausen

estudos para terminar o curso de arquitetura na França. O jovem e a mulher, porém, não desejam se separar e assim preparam a fuga juntos. No momento de fugir, contudo, ela é atropelada a caminho do aeroporto. O rapaz, ignorando o acidente, toma o avião sozinho e desiludido. E a mulher, sem outra alternativa, termina se reconciliando com o marido.

O SALTO DE GATO

FC — O filme é intimista?

W — Não. Esteticamente eu o defendo. *Uma Tarde, Outra Tarde* foge à regra comum, tem um bom padrão fotográfico, define (quase) o meu estilo, é bem descrito (modéstia à parte) e muito bonito plasticamente. É um salto de gato em relação a *Jesuíno Brilhante, o Cangaceiro* — filme onde abordei a problemática de um cabra valente nas terras áridas do Nordeste. Aliás, parto sempre do seguinte princípio: a cada conteúdo corresponde uma forma determinada. Por exemplo uma fita de canção ou jagunço não se pode imprimir a mesma linha estética conferida à questão da cidade grande, de uma mulher de banqueiro vi-

vendo solitária numa mansão descomunal. São duas formas diametralmente opostas.

Além disso, em *Uma Tarde, Outra Tarde* fiz propositalmente o ritmo do filme corresponder ao ritmo do livro. A fita é "ipsis literis" a novela. Cineasta e escritor se confundiram. Quem ler o livro, vai encontrar todos os personagens na tela, em carne-e-osso. Mas, embora mantendo os elementos essenciais do volume, procurei guardar a diferença das duas linguagens.

Há uma coisa, porém, a me amargar bastante: se fosse uma obra de Bergman, todos diriam tratar-se de uma fita intelectualiva etc., mas como sou cineasta de Cascadura, poucos aceitam. Acreditam até que elaborei uma simples história de amor à *Love Story*, mas nunca o roteiro instigante da problemática interior de uma mulher solitária e carente.

FC — O elenco está homogêneo?

W — Sim. Todos os atores se comportam de forma bastante uniforme. O filme pode ter defeitos, mas nunca da parte do elenco. Miriam Skowronsky, por exemplo, é uma atriz estreada que foi revelada nessa fita e está muito bem.

RITMO E MOVIMENTO

FC — Qual a linha impressa à fotografia e à música?

W — Preocupe-me sobretudo em não torná-las apenas complementos do filme, mas parte indivisível do todo, fatias inseparáveis da estrutura dramática. No momento exato em que a câmara está parada, captando a reação da mulher, a música entra como elemento descritivo, traduzindo todo o seu sentimento interior. Por isso o filme não ficou lento, transmitindo ao espectador uma gama de reações que o tornam altamente movimentado.

FC — Qual seu novo projeto como diretor?

W — Filmarei outro livro de Josué Montelo, *O Monstro de Santa Teresa* (título provisório). É a história de um funcionário público que se acredita monarca (rei) e tem uma namorada também servidora pública que se imagina uma condessa. Ele é solteiro, mora num quarto em Santa Teresa e o decora como se fosse um "trono". Até que um dia chega a mãe pobre da Bahia e o "destrona". Ele então arquiteta um plano, juntamente com a namorada, para matar a velha.